

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Director: ANTONIO COBEIRA — Editor e Proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA — Administrador: RODRIGO A. DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º a entreg.	38.º Anno—XXXVIII Volume—N.º 1315	Redacção—Administração—Atelier de gravura Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento a Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. Cesar Piloto Largo de S. Roque, 11 e 12
Portugal (franco de porte) m forte	25000	12500	3000	3	10 de Julho de 1915	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos a administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos
Possessões ultramarinas (idem)	15000	7500	3	3		
Estrangeiro e India	50000	25000	3	3		

## CRONICA OCCIDENTAL

Um homem-de-genio lembrou-se, ha tempos, de definir civilisação—a arte de enganar os nossos semelhantes. Não nos permitámos conceder credito maior a essa creatura desabussada, de má lingua e pessimos vezos de raciocinio. Podemos afirmar sem receio de contestação—o progresso existe, verdadeiro, á evidencia, irrefutavel. A frase célebre de Pelletan justifica-se, corrobora se—dia a dia, toma vizes maiores de realidade.

sentam no deserto ao olhar do viandeiro sob a forma de miragens vaporosas, irreaes, remotissimas, e todavia, existem incontestavelmente. Para alcançal-os, só resolvemos uma questão de tempo e uma questão de caminhos a percorrer. Eis tudo.

Alguem—Du Camp, talvez—comparou o carro da civilisação áquele famoso carro de Jaggoernaut que por ocasião das grandes festas, na India, rodava vertiginosamente deixando nas curvas das estradas, empastados de lama e sangue, despojos de vitimas humanas.

Mas—*honnei soit qui mal y pense*—ha mortes que dão vida e prodigalidades que dão riqueza... a outros.

Demais, outros factos concorrem em apoio da teoria generosa de Pelletan.

Piratas já não infestam o mar do Archipelago. Já não se faz escravatura nas costas da Barbaria. Desapareceram na India as procissões das *sutti*. Cartouche não incomoda os bairros de Paris. Nem Diogo Alves se atreve a empoleirar-se nos arcos da Rabicha...

Verdade, verdade—ha ainda loucos que testemunham façanhas indignas da

## CONFLAGRAÇÃO EUROPEIA



SENHORAS INGLÊSAS FABRICANDO MUNIÇÕES PARA A GUERRA

Quem não no reconhece, anda de todo desviado do bom caminho e cedo ou tarde lá chegará á estrada de Damasco onde as escamas da ilusão lhe descairão dos olhos miraculosamente e poderá encarar a face resplendorosa do idolo novo—**Progresso!** Sejâmos disto convitos—*a civilisação é a marcha triunfal da humanidade para a perfeição e para a felecidade...*

Dizem certos: ai! a felecidade, ai! a perfeição, são miragens, miragens e nada mais. Tambem, os oasis se apre-

Não é, pois, sem tristezas, que o progresso se realiza. Mas realiza-se... Vejâmos.

Os principios liberaes que orientam os governos diversos das Europas, caracterisam a fase actual da humanidade. Comtudo, os principios liberaes implantaram-se a despensas de muitas vidas. Haja em vista a Revolução Francêza. E até em Portugal, o acto revolucionario de 14 de Maio—chama-se-lhe assim—não se impôs senão á custa de varias vidas de particulares e algumas fazendas do Estado ..

nossa aventurada civilisação. A guerra continua movida duma ferocia nunca inexcédida a rasar de humano sangue o mundo inteiro. Os banqueiros ainda especulam sobre a miseria. Os comerciantes não desistem de falcatruar os generos de primeira necessidade.

Que importa?...

Pequeninas sombras da civilisação—não chegam a embaciar de leve o astro radiosissimo do **Progresso**.

ANTONIO COBEIRA

## DA GRANDE GUERRA

## A Caminho do Céu

*Descance, meu filho...*

No claro dormitório do Hospital de Z... aberto para o mar, um dos muitos feridos de Neuve Chapelle agitava-se no leito...

Mettia dô quando chegou na ambulancia, ao terraço. Coberto de poeira, envolvido em ligaduras, com grandes manchas vermelhas, empastadas.

Depois do combate fôra encontrado por terra, golfando sangue, estendido, quasi inerte... um farrápo... Por duas vezes os cirurgiões haviam mutilado aquelle corpo mutilado. Ficára sem braços e sem pernas o triste do «poilu». E agora, mais valia morrer...

A boa Irmã Julia nem um só instante quizera abandonar a cabeceira do enfermo. De todos aquelles doentes, confiados ao seu cuidado, era aquelle o mais perigosamente ferido. Contorcia-se em espasmos, dia e noite roído pela febre, sempre a augmentar e a crescer...

*Descance, meu filho...*

E a boa Irmã, muito pallida e branca das longas vigílias, aproximou-se ainda mais, ainda mais...

A sua figura insinuante e dôce, curvou se amorosamente para o triste soldado, apartou-lhe da frente o cabello a escorrer em suor, e pela terceira vez, muito suave, muito baixinho, rogou lhe quasi em segredo:

*Descance, meu filho...*

E conseguiu que elle tomasse uma colher de calmante.

Então o desgraçado fitou os olhos ardentes, animados por um extranho, exquisito fulgor, nos olhos mansos da enfermeira e fez-lhe signal que o ouvisse.

*Tinha um filho... muito longe... quasi do outro lado da terra, em Melbourne... na Australia...*

*E não poder fallar ainda uma vez com elle! E não poder lançar-lhe a sua ultima benção! E não poder dizer-lhe o derradeiro adeus!*

A voz até alli sumida na garganta avivára-se-lhe terrivelmente. Era como um grito rouco, exhalado n'uma explosão de desespero e de febre...

A boa Irmã Julia, presa de commoção, balbuciou-lhe ao ouvido:

*Socegue, meu filho...*

E deu-lhe a tomar outra poção calmante.

— Eu quero fallar com elle... E' o unico bem que deixo neste mundo... Traga-m'o... quero fallar-lhe...

...Impossivel tão longe! Depois quando sarár, prometto-lhe... descance...

...Não... porque eu vou morrer... Sinto a morte a gelar-me...

...Tende piedade d'elle... Meu Deus! tende piedade de nós... Inspira-me...

Elle quer... E só mandando-lhe a benção, como um relampago, atravez dos espaços...

...Sim... um telegramma... depressa... que eu morro...

Lado a lado com o soldado francez convalencia um *highlander*. Ouvira o camarada e tinha os olhos azues embaciados de lagrimas. Escondendo o mais possivel a sua perturbação dirigiu-se á religiosa:

Vamos, boa Irmã. Tire da minha car-

teira duas notas de mil libras. Despaço urgentissimo com resposta paga.

Um official que passava encarregou-se immediatamente do serviço. Mais calmo o agonisante ditou:

*François Martin. Queenstreet 90. Melbourne. Australia.*

*Morro no Hospital de Z... por ter combatido em defeza da França. A victoria será nossa.*

*O Senhor te abençoe e te acompanhe sempre.*

*Notre-Dame de Lorette se lembre da tua orphandade. Adeus, até á vista no Céu.*

*Beijo-te.*

Louis

Entretanto sobreveio uma crise. Em espasmos de febre, o desgraçado revolvea-se furiosamente no leito, a gritar que lhe acudissem...

Vinham lhe á bocca palavras entrecortadas:

Chorava e resava ao mesmo tempo. E era um tremor que mettia pena...

Um calmante energico restituiu-lhe a primitiva serenidade

Já lá iam mais de duas horas, que partira o radio-telegramma... Urgentissimo, com resposta paga...

Trez... e ainda nada de novo... Quatro... Quatro e meia... Nada...

Quatro e trez quartos... Cinco horas...

Chegou. Atravez dos espaços, galgando meio mundo, alli está junto do Pae a voz tremente do Filho...

*Recebo de joelhos a sua benção derradeira.*

*Deus proteja a França!*

Uma alegria subita illuminou de felicidade o rosto do moribundo. Pediu a Extrema-Unção e commungou com o fervor ideal duma creança. Depois, transfigurado, despediu-se de todos, beijou ardorosamente um crucifixo, estendeu-se na cama olhando para o mar — e ficou inanimado, immovel, n'um sorriso...

Adormecera eternamente, a balbuciar as palavras do filho:

*Deus proteja a França!*

Mais pallida e mais branca, a Irmã Julia curvou-se para o cadaver; e nas mãos geladas do heroe depoz a Grã-Cruz da Legião de Honra, que manchava gloriosamente de sangue a alvura immaculada do seu peito feminino.

Dir-se-hia o Anjo da Guarda, vestido de triumphantes roupagens, côr de neve e côr de lyrios, que viesse buscar pela mão, o soldado de Neuve-Chapelle, a caminho do Céu...

Paris, junho de 1915.

BERTRAND DE MONTROSE

## PELO MUNDO FÓRA

Continua indecisa a luta gigantesca entre as duas grandes potencias — a Allemanha e a Inglaterra, com as suas respectivas alliadas; sendo por emquanto prematura a entrada de mais contendores no tremendo duello.

A Bulgaria, a Rumania e a Grecia continuam neutraes; a Hollanda orga-

nisa as suas forças, mas não se inclina para nenhum dos campos em lucta.

A Russia, não obstante a tenacissima resistencia contra os austro-allemaes, vae cedendo terreno ao inimigo, que lhe oppõe interminavel chuva de metralha.

Durante o mez de junho os austro-allemaes fizeram 194.000 prisioneiros russos, com 93 canhões e 304 metralhadoras!

O czar disse ha pouco n'um manifesto aos seus subditos que a questão das munições deverá ser considerada como um verdadeiro problema nacional, para cuja solução todos devem contribuir.

Uma esquadra allemã bombardeou o porto de *Windau*, tentando operar um desembarque; mas os russos repelliram-nos. Entre o *Vistula* e o *Bug* dão se formidaveis combates de que os austro-allemaes sahem victoriosos, bem como entre o *Wieprz* e o *Bug*.

Os invasores conseguem romper as linhas russas por ambos os lados de *Krasnik*, e concentram se perto de *Varsovia*, sobre a qual aeroplanos allemães lançam proclamações garantindo que a praça será tomada dentro d'um mez.

Nos circulos militares russos julga-se que a empresa contra *Varsovia* é d'esta vez muito séria e ninguem occulta as suas apprehensões.

O governador geral da praça tomou medidas extraordinarias contra a espionagem e contra os aviões allemães sendo afastados todos os elementos suspeitos e preparando-se tudo para a evacuação da população civil.

Os austro-allemaes avançam rapidamente sobre *Lublin*.

No Baltico um submarino inglez afundou um couraçado allemão do typo «*Deutschland*». Os oito couraçados d'esse typo precedem immediatamente a serie dos «*dreadnoughts*» allemães.

Teem uma deslocação de 13.200 toneladas, 18 a 19 nós de velocidade, 4 canhões de 280, 14 de 170 e 20 de 88, e 6 tubos lança-torpedos submarinos. O seu effectivo é de 61 officiaes e 682 homens de equipagem.

A este da ilha *Gotland*, no Baltico, houve um combate entre as esquadras allemã e russa, perdendo agulha o lança-minas «*Albatroz*» com um tenente e 26 marinheiros mortos.

Na Russia é accusado de traição o general cossaco *Rennenkampf*, que ha ascendido a heroe na invasão russa pela Prussia Oriental, no começo da grande guerra, e agora auxiliava os allemães na invasão da Polonia!

Na Polonia russa os allemães instalaram já estações para todo o serviço postal e telegraphico um *Kalisch*, *Bendsin*, *Czenstochau*, *Kolo*, *Konin*, *Lodz*, *Pabianica*, *Sieradsch*, *Wloclavec*. Quanto ao regimen escolar que sob o dominio russo e o judeu foi imediatemente unificado, estabelecendo-se um só typo de escolas, passando o polaco a ser linguagem de ensino. O programa é o mesmo em todas as escolas.

Esta orientação administrativa é de molde a conquistar a *sympatia* dos polacos, que certamente auxiliam a reconstituição do seu reino, para cuja autonomia derramarão seu sangue. Nos *Dardanellos* mantem-a a lucta quasi no mesmo ponto, e restrita quasi a guerra de trincheiras que depois da batalha do

Marne os alemães iniciaram em toda a frente franco-belga e que os aliados, copiaram, alargando-se a todas as frentes de batalha. Nos combates travados na península de Gallipoli os francezes tiveram o general Gouraud gravemente ferido, e os ingleses tiveram o general Scott Eonerieff.

Na Camara dos communs o Sr. Asquith declarou que as perdas inglesas dos exercitos de terra e mar nos Dardanellos se elevavam, em 31 de Maio, a 496 officiaes mortos, 23.542 feridos, e 6.445 desaparecidos, prefazendo um total de 38.436 homens. Este sacrificio de vidas não corresponde ás vantagens alcançadas na tentativa da tomada de Constantinopla.

Enver-Pachá declarou que os Dardanellos, eram inexpugnaveis, tanto por mar como por terra. Os estreitos estão defendidos por mar como nunca estiveram. O Bosphoro não pode ser atacado efficaçmente por mar, e a presença dos submarinos allemães destruiu a possibilidade de qualquer projecto de desembarque russo na costa do Mar Negro. Por terra, as posições turcas são de tal forma fortes, e uma fortificação tem tantas outras na sua rectaguarda, que é materialmente impossivel vencer a resistencia turca, por maiores que sejam os esforços dos alliados.

Pode resumir-se o avanço dos alliados nos Dardanellos, desde o desembarque, pela forma seguinte:

Tomada de Sedd ul-Bahr, a 26 de Abril.

Em 27 chegam os australianos a Saribair. A 6 de Maio começa a batalha de Krithia, que dura 3 dias; a 7, ataque ás alturas de «Achi-Baba»; a 8, fim da batalha, ligeiras vantagens para os alliados; a 19, avanço dos alliados na península, perdendo os turcos 7.000 homens.

No mês de Junho: a 1, combate corpo a corpo em Quinn Post; a 4, repetição do ataque dos alliados no sul da península; a 11 e 12, ataque nocturno de dois regimentos ingleses, tomando uma trincheira turca. Começa a guerra de trincheiras.

A 15 de Junho os ingleses perdem 30 metros, que recuperam com uma carga á bayoneta; a 19, uma brigada inglesa ataca sem exito as trincheiras turcas; os turcos, que tinham conseguido estabelecer-se num ponto saliente das linhas inglesas, são repellidos com grandes perdas. No dia 21, batalha que dura 24 horas, emprehendida pelos francezes contra as obras de defeza do barranco de Kereves-Dere. Toma-se o reducto do Karicot e 600 metros de trincheira turca.

Começou-se ha pouco um assalto geral contra Krithia e Achi-Baba. Um navio inglês bombardeou o posto telegraphico de Alzanof e as costas do golpho de Smyrna. Um submarino, provavelmente allemão, meteu no fundo um transporte francès.

Nos campos de batalha de oeste a lucta mantém-se com toda a violencia, tendo os allemães accumulado grandes reforços na Flandres. Muitas tropas tem atravessado a Belgica Central em direcção a Ypres, Lille, Lens e Arras. Combates bastantes sangrentos na Argonne, em Souchez, norte de Arras, Saint-Michiel, tendo os alliados obtido vantagens nos Vosges. O exercito de

Kromprinz Wilhelm tomou as posições francezas na Argonne, numa extensão de 3 kilometros, fazendo bastantes prisioneiros e tomando muito material de guerra.

Os aviões dos alliados effectuam um «raid» sobre as «gares» de Challesange, Zanen, e Laugemacken.

Aeroplanos allemães lançam bombas em Harwich e sobre a esquadilha de «destroyers» britannicos. Proximo de Londres, em Hounslow, dão-se explosões numa fabrica de polvora, com algumas victimas. Suppõe-se obra da espionagem.

Grande alvoroço causou tambem a tentativa de assassinato a tiro de John Pierpont Morgan, filho unico de J. P. Morgan, o famoso prisioneiro fallecido em Roma em 1913. O criminoso é o allemão Franck Holt, professor da Universidade de Cornell. O attentado deu-se em Glen-cove, a 25 milhas de New-York. Morgan era um poderoso auxiliar dos alliados, cujos emprestimos de guerra elle estava encarregado de collocar na America. Seu pae auxiliou largamente a França apoz a guerra de 1870.

Ha poucos dias P. Morgan adiantou 250 milhões á França e pouco depois offerencia 500 milhões á Inglaterra.

Holt, que sem duvida era um tresloucado, poz termo á vida atirando-se da janella da prisão. O banqueiro vae-se restabelecendo e continuará a dispensar o seu valente apoio á causa dos alliados.

Na frente italo-austriaca tem continuado o avanço, embora lento, das tropas do rei Victor Manuel. Entre Monfalsone e Gradisca dá-se uma grande batalha. Tolmino cae em poder dos italianos, que bombardeiam Monticello, Saccarana, Freikoffel, Malborghetto, Doberdo, Pivacina, e avançam no Isonzo, não obstante as chuvas constantes que lhes impedem a marcha.

Marconi, o glorioso inventor, parte para a guerra, para onde irá tambem o escriptor Gabriel d'Annunzio.

Os austriacos tomam a offensiva na região de Goritz e soffrem grandes perdas nos arredores de Gradisca e Plava.

Os italianos perderam o torpedeiro 17 e avariaram um submarino austriaco. Maior perda porém lhes estava reservada: a do couraçado «Arnalfi», afundado no alto Adriatico. Esta perda causou funda impressão em toda a Italia. Felizmente salvou-se quasi toda a equipagem. O Arnalfi era um couraçado de 10118 toneladas; 138 metros de comprimento, por 21 de largura e 7<sup>m</sup> de calado de agua. Fora concluido em Junho de 1909 nos estaleiros de Odero, em Genova.

Era armado de 4 peças de 254, 8 de 190, 16 de 84, 2 de 76, e tres tubos lança-torpedos submarinos, dois aos lados e um á ré.

Tinha 550 homens de tripulação e despunha de duas machinas de 4 cylindros com 19.000 cavallos, desenvolvendo uma velocidade de 22 nós.

Registaram os jornaes o fallecimento em Paris, aos 85 annos de idade, de Porfirio Diaz, presidente da Republica

do Mexico, cujos destinos regeu durante mais de 30 annos.

Durante a sua larga administração pacificou com mão firme o irrequieto paiz, fomentando-lhe a riqueza publica e impondo-o á consideração do mundo.

Nasceu o grande estadista mexicano em Oujaca em 15 de Setembro de 1830. Aos 3 annos era orphão; cursou os primeiros estudos na sua cidade natal e depois no Seminario, abandonando a carreira ecclesiastica pela de Direito, que não seguiu, pois que a sua vocação não era a Jurisprudencia, mas sim a profissão das armas, que empunhou valentemente em defeza da Constituição e da liberdade e independencia do seu paiz desde 1855 a 1867, primeiro contra os Estados-Unidos, depois contra a França e a Espanha, que haviam enviado os seus exercitos para sustentarem o imperio de Maximiliano. Tendo o general Prim conseguido que a Espanha abandonasse a contenda, Porfirio Diaz, que ja era general de divisão, conseguiu successivos triumphos contra os francezes, até que apagado bem tragicamente o Imperio em Queretaro, e dono Juarez em 1867 da capital da Republica, que lhe foi entregue por Diaz, e senhor da presidencia, o heroico general retira-se da politica, não definitivamente, porquanto, em consequencia da administração do novo presidente, vê-se obrigado a empunhar contra elle as armas em 1871.

Morto Juarez, succede-lhe na presidencia, por eleição, Sebastian Lerdo de Tejada e Diaz, respeitando o voto do povo, põe-se ás ordens do novo chefe d'Estado e toma assento no Congresso como representante do Estado de Oujaca. Pouco depois retira-se novamente da politica por se consagrar á agricultura, cultivando uma propriedade que o Estado de Oujaca lhe offerecera como premio dos seus sacrificios pela causa liberal.

Um grupo de partidarios de Lerdo tratou da sua reeleição, contrariando a opinião nacional. Diaz proclamou o principio da «não reeleição e á frente das suas tropas combateu a administração «lerdista».

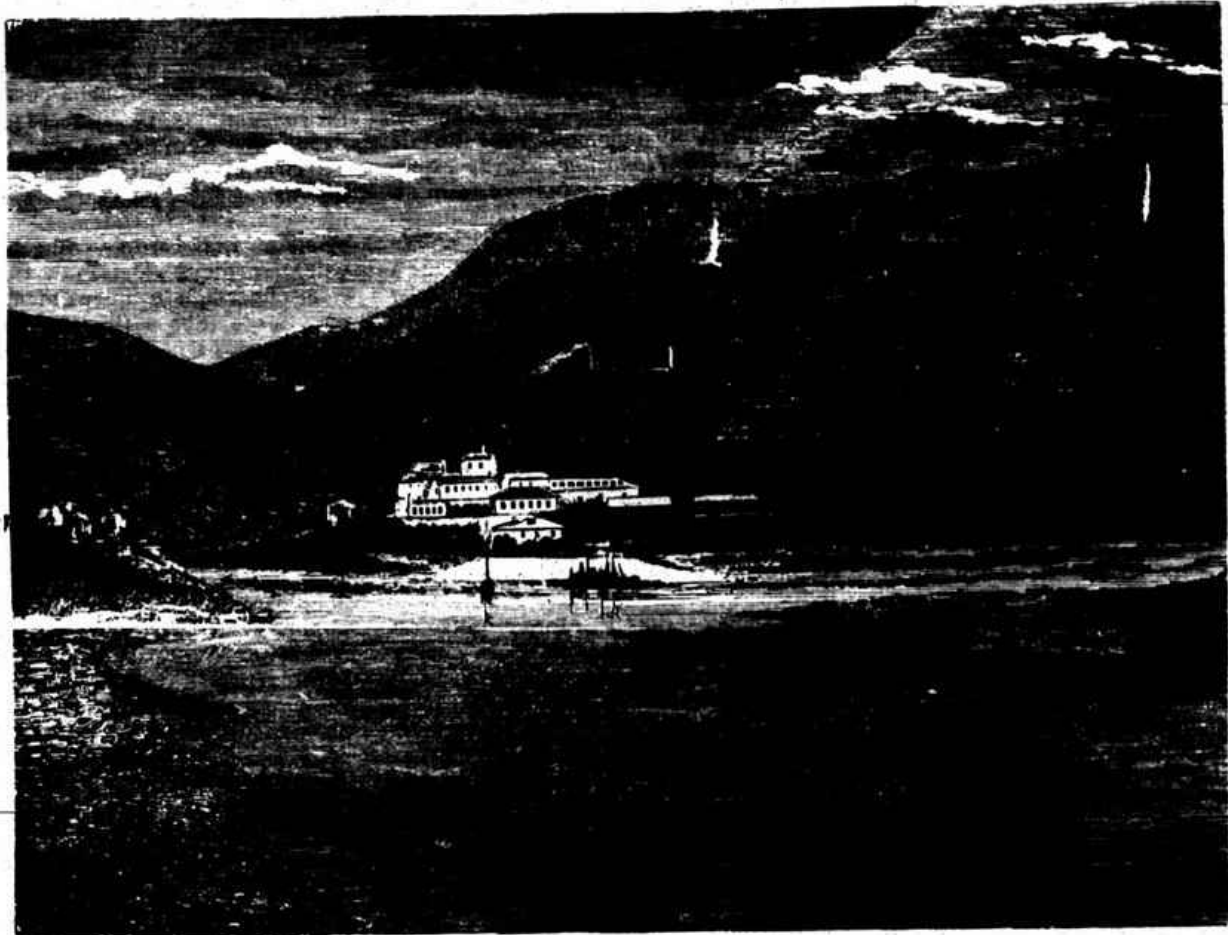
Os seus triumphos conjugados com a opinião nacional e a sua grande popularidade, preparavam o triumpho que pouco depois obteve contra as tropas do governo na cidade de Tecuac. Diaz occupou o Mexico em 21 de Novembro de 1876 e pouco depois era eleito presidente da Republica.

Em 1878 surgiu o conflito gravissimo com os E. Unidos, a habilidade e a intelligencia de Diaz puzeram termo honrosamente, evitando-se os horrores de uma longa e cruenta guerra.

Sucedeu-lhe no poder D. Manuel Gonzales até 1884, em que Diaz voltou á presidencia, que não abandonou mais, tendo-se reformado a Constituição no ponto referente á reeleição para evitar a inconsequencia que resultaria das suas aspirações á presidencia vitalicia e a sua conducta contra Lerdo de Tejada.

A sua administração manifestou-se por um constante aumento de riqueza publica, attingindo o Mexico o mais elevado grau de prosperidade no interior e o mais alto respeito no exterior.

# A Questão do Douro



ADEGAS DE PINHÃO



EMBARQUE DE VINHOS EM PINHÃO. — (Clichés de E. Biel)



VISTA DA RÉGOA. — (Cliche de E. Biel)

## DR. VILLARES FRAGOSO

Secretario da Embaixada do Brazil  
em Lisboa

O dr. Villares Fragoso, Secretario da Embaixada do Brazil em Lisboa, descende de uma das mais distinctas familias pernambucanas, de conhecidas tradições na magistratura brasileira.

Republicano desde os bancos da escola, foi correligionario e admirador do grande apostolo republicano Martins Junior que, durante annos seguidos, pleiteou na imprensa de Pernambuco a idéa republicana, moldando-a n'uma orientação de verdadeira liberdade.

Terminado o curso na Universidade do Recife, o seu espirito insatisfeito de artista estudioso, procurou novos trabalhos na Escola Politechnica do Rio de Janeiro onde terminou o seu curso de engenharia civil.

Entrando na carreira diplomatica, foi discipulo do grande e inolvidavel brasileiro Barão do Rio Branco. Depois do seu tirocinio no Ministerio das Relações Exteriores recebeu ordens de seguir para Assumpção Paraguay, acompanhando o mi-



DR. VILLARES FRAGOSO

nistro Lorena Ferreira nas difficuldades dessa epocha em face dos disturbios internos d'aquella republica sul-americana.

Com a retirada do Ministro Lorena Ferreira, ficou o dr. Fragoso encarregado de negocios, cargo que desempenhou com grande tacto diplomatico, durante 3 annos seguidos, conquistando as justas sympathias de todas as autoridades do paiz e do corpo diplomatico acreditado em Assumpção.

Chamado ao Rio de Janeiro, o Ministerio das Relações Exteriores dá-lhe novamente um posto difficil collocando-o em Buenos-Aires, onde foi um digno companheiro e precioso auxiliar ao actual Ministro dr. Souza Dantas. Pelas suas aptidões artisticas e conhecidas qualidades de verdadeiro gentleman, largamente concorreu para o extraordinario brilho da representação diplomatica do Brasil na Argentina. Ainda, nessa cidade, dirigiu a Legação do seu paiz na qualidade de encarregado de negocios onde conquistou novos louros. Por isso o seu nome estava naturalmente indicado para vir preencher a vaga de Secretario em Lisboa, quando a Legação do paiz amigo e irmão foi elevada á categoria de Embaixada.

## A Questão dos Vinhos do Douro

Voltou de novo a preocupar nossos irmãos do Douro a exportação dos seus vinhos sob a marca *Vinho do Porto* e dizemos de novo, porque essa questão vem de longa data, agravando-se de vez em quando, tendo uma das suas crises sido em 1906.

Agora foi o tratado de Comercio com a Inglaterra, que provocou o conflito, por falta de clareza no seu artigo 6.º referente a importação de vinhos licorosos portugueses, em que não se especificou claramente a marca *Vinho do Porto*, prevenindo as falsificações ou imitações, que tanto são enviadas dos portos portugueses como, de resto, se fabricam por todo esse mundo fóra.

Estas falsificações e o menor consumo que de facto os vinhos generosos estão tendo, nos principaes paizes, ou por hygiene, ou por economia, seja como fór, tem depreciado bastante este commercio, com grave prejuizo para os produtores, com o que muito vem sofrendo a região do Douro, cuja principal cultura e riqueza é a vinha.

Seria relativamente fácil de remediar este mal se na região do Douro podessem explorar-se outras culturas, mas infelizmente a natureza do solo a ellas não se presta.

São grandes os credits do vinho do Porto em todo o mundo e se para garantir o seu consumo bastassem todos os rigores e claresas nos tratados de commercio, bem iria ao Douro, mas, infelizmente, os sofismas e artes de falsificação, vão além de todas as previsões.

O Douro terá de lutar para vender o precioso licor das suas virentes vinhas que revestem seus montes vulcanicos e que são toda a sua riqueza.

## Folhas soltas

### Os meus-Companheiros de Viagem

Torna-se curioso analysar, principalmente n'estes meses que vão correndo, isto é até fins de setembro, os meus companheiros de viagem no rapido de

Cintra que parte da estação do Rocio pelas 6 e um quarto da tarde. Passados dois ou tres dias, olhar-lhes para as câras, é logo adivinhar os seus destinos.

Em vendo rapaz de malinha na mão, bigode á americana e botas da mesma nacionalidade, destina-se á Amadora pela ceirta. Menina, sósinha, olhar modesto, magrinha, travadinha, destina-se quando muito a Bemfica. Mas quando as vejo gordas, coradas, a suarem sempre, chapéu pouco fixo no penteado, a dormirem no tunel, vão para Queluz ou então para o Cacem. Ha companheiros e companheiras que lêem romances e revistas, muitos estrangeiros, destinam-se a Cintra.

De vez em quando entra um homem de matações, ar risonho, com vontade de fallar a toda a gente, como se a conhecesse ha longo tempo, com muitos embulhos, geralmente muito grandes envoltos em jornaes, é frequentador de Rio de Mouro ou Mercês.

A regra geral é esta, embora haja algumas excepções. Aqui ha dias na minha frente ia uma rapariga elegante, belamente vestida, lendo em todo o trajecto a *Madame de Bovary*, de Flaubert. O seu olhar não caía sobre ninguem, dedicada á leitura, a paisagem passava e ella nem olhava um minuto para os campos que o comboio cortava! Cá para mim phantasiei logo que se dirigia para Cintra: aquella mulher nunca poderia sahir na Amadora ou em Bemfica! Qual não foi a minha admiração quando a vi descer nas Mercês!

Quem seria aquella mulher, aquella esphinge? A resposta é simples: Soube mais tarde, que é a amante d'um inglez.

Apenas a vi uma unica tarde, é provavel que o inglez a tenha fechada a sete chaves.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

## ARRUFADAS DE COIMBRA

Rara, toda em nervos raros, preciosa como uma renda, alegre como uma faiança, eis a nova publicação que o sr. D. Sebastião Pessanha edita sobre regionalismo português, terna de per si tão nobre como um culto, tão suave como uma legenda. Desta feita, aquele evocador fervoroso do que vislumbra como arte plastica e exteriorisação do sentimento nacional, consagra se a exumar com ternura esse poema de requintes qual é, á rememrança dum pequeno numero, a doçaria antiga por mãos pallidas de freiras composta nos conventos provincianos.

E em um feixe de linhas que o lapis de Alberto Sousa que intencionalmente comenta, o senhor D. Sebastião Pessanha encaminha-nos té ás célas de beaguina nos interludios da devoção mística convertidas em fabrica artificiosa, covilhete de amendoas perfumado a manjerona, onde o *toucinho do ceo* é alvo como as holandas do Deus Menino e as entranhas dos *beijos de amor* luzem como a estrela dos Magos.

«Arrufadas de Coimbra» se intitula a plaqueta luxuosa a cuja portada em *ex libris* a pega historica no bico segurando a voluta em que se escreve a evasiva real «por bem» estila heraldicamente a graça dum espirito embuido de beleza

antiga. Por ventura retrata-se na palidez das virgens descalças que ante o portico de St.ª Cruz vendem agora as arrufadas a mesma dolencia feita de resonancias de órgãos, de tochas de cera ardentes, do luar coado através as rochas de ferro que outr'ora mace-rou os olhos pulcros das suas irmãs conventuaes. Arrufadas! Arrufadas! E o bolo estranho poliforme, onde as lavranterias sobranceiras de asucar em calda sugerem góti- cas rosaceas diz-nos talvez, no seu cognome faceto, o estado de alma que uma freirinha sentimental experimen- tou, quando o galanteador voluvel trocava por outro o seu amor sem esperança. Arrufada se fez e d'ahi não volver do catre semanas a oito, na manufactura do doce sabo- rôso, distrahindo o seu cora- ção transbordante de despei- tos, sangrando, como aos poentes de agosto a claridade dum vitral sangra...

Não conheço quem a tão suaves investigações consagra culto assim fervoroso, da me- moria do passado remoto como dum brazido agonisante, extrahindo tamanha beleza empoadada de cinzas. Será por ventura um moço, será acaso um velho o senhor D. Sebastião Pessanha? Ignoro-o. Mera eventualidade com o seu nome me poz em contacto espitolar. Velho que seja como lhè terá sido brando aquecer-se ao sol virescente da saudade, liberto do tempo e do destino; novo que seja como lhe será grato resuscitar o passado e quedar-se a vivel-o pelos sentidos, numa paz inquebrantavel! No rosto do seu livro de lembrança um coração, qual vaso espiritual, florescendo, é a síntese duma devoção religiosa pelas coisas belas que se inclinam sobre o acaso palpitante inda, e sobre as quaes como sobre uma seda antiga sabe bem deixar perpassar os dedos. Evocar é viver—e se os trabalhos nobres do senhor D. Sebastião Pessanha não viessem a ser o fulcro inteligente em que ha-de mais tarde incidir um fecundo estudo sobre o regio-



Augusto Rosa  
POR TEIXEIRA DE QUEIROZ

nalismo, eles serião com seu portico illustrado, suas iniciaes a sanguinea, o seu brochamento a torçal velho, as suas resenhas figurando epocas e costumes, a alegria dulcida do passado, visão d'oiro, visão toda d'oiro emergindo da bruma da saudade e, como num derradeiro apêlo, clamando pelas almas insaciaveis...

Severo Portela.

## LIVROS NOVOS

Recordações da scena e de fóra da scena

Por Augusto Rosa

Edita lo pela Livraria Ferreira, de Lisboa, sahio a publico esta obra, de que seu autor muito gentilmente nos ofereceu um exemplar.

É um livro de memorias, genero raro entre nós e, por isso, tanto mais apreciavel, especial-

mente quando os reveste a elegancia da fórma, como este.

O interesse da leitura multipli- ca-se pelas suas, cerca de 400 paginas, nitidamente impressas e illus- tradas de gravuras, em optimo pa- pel, abrindo por um belo retrato do autor, reprodução da escultura de Teixeira Lopes.

Não estaremos em erro afirman- do que este livro de memorias reúne qualidades que o colocam a cima de todos os do genero e, até o podemos considerar unico sob o ponto de vista da arte, pela fórma por que está escrito e illus- trado e pelo assunto que versa.

Memorias de Augusto Rosa, o primoroso actor, gloria do teatro portuguez; memorias de João Anas- tacio Rosa, o grande artista, que foi seu pae, precursor da nova escola de representar; e memorias de João Rosa, outro grande actor que deixu uma vaga ainda não preen- chida.

Uma triologia de grandes artis- tas, de que resta vivo Augusto Rosa e ainda bem para o teatro e para a arte, na duplicidade de seus ta- lentos de actor e letrado, como acabou de provar com a publica- ção das *Recordações da scena e de fóra da scena*.

Nestas memorias conta Augusto Rosa como se fez actor por mão de seu pae, com quem foi a Hespanha, Paris e Londres; varias peri- pecias das viagens, no teatro *Baquet*, sua estreia, no *Morgado de Fafe* desempenhando o papel de Antonio Soares, iniciando a auspiciosa carreira de que todos somos testemunhas.

Tratando de seu pae, refere tam- bem como se fez actor, sendo esta a principal manifestação do seu talento que de resto se afirmou, no desenho, na pintura, na escultura, na literatura e até na sciencia.

Extraordinaria individualidade, que tivemos a boa sorte de conhecer e agora estas memorias nos vem recordar, pondo ante nosso espirito a excepcional originalidade deste grande artista.

Lemos duma assentada, com verdadeira emo- ção, estas paginas, pelo muito que nos vieram dizer de Rosa Pae, assim conhecido nos nossos tempos, de quem fomos amigo e admirador.

Não podemos apagar da memoria os triunfos do Rosa Pae, de que fomos testemunha, nas peças *Fidalgo Pobre*, *Frei Luiz de Sousa*, *Marques de la Seiglière*, *Morgado de Fafe*, *Ricardette*, *Maria Stuart*, *Primo e Relicario*, *Pobresa envergonhada*, etc.

É muito interessante e ao mesmo tempo comovedora a parte, que neste livro, se refere a João Rosa.

Abrange este livro o periodo de quasi meio seculo de vida da scena portuguesa, onde se encontram dados bastantes, não só referentes a artistas dramaticos, mas a escritores, do que se póje inferir a sua importancia para a historia do nosso teatro e de quanto interessa a sua leitura, como a nós nos encantou.

R.

## ROMANCE

M. Dellyne

### A DESTERRADA

Versão de Alfredo Pinto (Sacavem)

(Continuado do numero antecedente)

—Minha bõa santa, olhae por elle, que seja feliz, que a sua alma seja salva. A sua felicidade é a minha, creio que o hei de possuir por um grande soffri- mento.

Myrto levantou-se e sahio do templo. Já era bastante tarde, e deviam sentir a sua falta. Parou mais uma vez no pata-

mar; novamente a triste recordação pas- sou pela sua mente. A figura do prin- cipe appareceu-lhe como por encanto na sua imaginação de mulher que sabe amar.

A sr.ª de Soliérs sorridente e espiri- tuosa envolveu-se na imagem do prin- cipe e dos labios de Myrto sahiram-lhe as seguintes palavras:

—Será comprehendido por ella? Será feliz com tal mulher?!

Irene tinha razão: a estada em Paris, a sua mudança de genio, as suas moder- nas maneiras tão agradaveis, tudo concorria para lhe demonstrar que Milcza gostasse da sr.ª de Soliérs.

O sol no horisonte envolvia com a sua luz rubra o vestido branco de

Myrto. Esta, encostada ás columnas do templo grego, tinha as linhas harmonio- sas de uma jovem sacerdotisa de Mi- nerva. No seu olhar havia a imagem do soffrimento e a tranquilla resignação. Quanto Myrto estava pensando triste- mente na sua vida passada e no seu fu- turo, sentiu passos era: *elle!*

—Myrto o que aconteceu? Vim á sua procura, estamos em cuidado; chorou, prima?

—Oh! não é nada! algumas ideias negras que passaram perante mim.

Myrto sorriu-se, mas a sua phisiono- mia não apresentava a sua habitual ale- gria.

—Ideias negras?! quaes?

Ella não quiz olhar para o principe e apenas disse:

— Não vále a pena fallar n'isso.

— Porquê, não me quer contar os seus desgostos? não tem confiança em mim?

Os labios palidos de Myrto crispavam-se um pouco.

— Não tem confiança em mim?! disse Milcza já um pouco fóra de si.

Depois como de repente:

— Minha mãe disse-lhe alguma coisa a respeito de pedidos em casamento?

— Disse. Tenho pena que o conde Mathias e o sr. Donacz tivessem pensado em mim... respondi que não contasse comigo.

— Recusou?! murmurou o principe, não reflectiu? Disse não, tão repentinamente?

— Que havia eu de responder? não tenho ideias de me casar...

— Myrto, ouça-me um pouco, eu...

devia fallar-lhe amanhã depois das suas recusas, mas como sei agora o seu modo de pensar, devo dizer-lhe que existe um outro que deseja ser seu marido, um outro que a ama doidamente. Myrto, é para elle o raio de luz, a eterna consolação, desejava ser mais novo, para talvez comprehender melhor os seus desoito annos. Esse outro que tem por Myrto uma verdadeira veneração, é o funebre Milcza, sou eu.

— Myrto não sabia o que fazer ao ouvir aquellas palavras que entravam dentro da sua alma como um balsamo de consolação infinita.

— Agora Myrto, deverá dizer-me se quer ser minha mulher, com toda a franqueza lhe peço.

— Milcza!

Não poudé dizer mais nenhuma palavra. O seu olhar fixo no principe respondeu a tudo.

— Obrigado Myrto, minha Myrto. Milcza beijou-lhe as mãos e depois disse:

— Myrto, minha luz!

(Continua)

## O MEZ METEOROLOGICO

Junho de 1915

Barometro—Max. Altura 7676 em 17.  
Min. 758,2 em 7.

Thermometro—Max. 31,6 em 5.  
Min 13,6 em 2.

Registaram-se tres dias com maximas superiores a 30° em 4 (30,02) 15, e 17 (31,00)—Temperatura normal no resto do mez.

Nebulosidade—Céu limpo ou p. nublado 14 dias  
nublado—14 dias.  
encoberto—2 dias.

Chuva—0,9 em 8 dias.

Vento dominante—N. N. W.

# TIPOGRAFIA CESAR PILOTO

11 e 12—Largo de S. Roque—11 e 12

\* \* \* \* \* LISBOA \* \* \* \* \*

Trabalhos em todos os generos, simples e de luxo. Pontualidade, perfeição e preços moderados. \* \*



## Preparado

que  
por completo  
tira a caspa

e  
evita a queda do cabelo

Lotion

Marie Louise  
(Registada)

Deposito Geral

RETROZNRIN IRMÃO DAVID

Rua Garrett, 112-118

LISBOA

## Estabelecimento de Ferragens

DE  
Salvador Alves Barata

Rua da Beavista, 86 — LISBOA

Em frente do Boqueirão do Gaz—TEL. N.º 8117

Tornos de bancada, folles para forjas, cavaletes, limas, bigornas para funileiro, martellos, tubos de chumbo, dito em chapa, em barra, zinco em chapa, aram: de chumbo, latão, cobre, ferro zincado, estanho em barrinha, cadinhos americanos para fundição, serras circulares sem fim, etc., etc.

Preços resumidos

## CASA DA INDIA

DE José Lopes Flores, Sobrinho  
(REGISTADA)

Grande e variado sortimento de chás verdes e pretos, cafés da Africa e do Brazil, assucar, arroz, massa. Louças de porcelana de Faiança, Lenços de seda da India, leques do Japão e Barcelona, caixas de xarão e bandeja.

49. Rua do Loreto, 51 — Junto ao Cerneiro

LISBOA — Telefone 4299

## Madame Brouillard

Passado, presente  
e futuro

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite

— 48, Rua do Carmo, s/loja — Lisboa —

## Livraria Inglesa

DE

M. LEWTAS & TABOADA

Grande sortido de livros de estudo e de recreio

Livros de missa e Semana Santa, East Cards

Historia da Guerra illustrada com mappas e retratos, vistas das cidades attingidas pela Grande Guerra. Venda avulso e por assinatura.

Preços limitados

Grande sortido de papel inglez de luxo e de escritorio, jornaes de modas, revistas illustradas, havendo um grande saldo a liquidar para 100 réis. Sortimento de guarda-chuvas, bengalas, sombrinhas, tudo a preços limitados

138, R. do Arsenal, 144

## Cacan, Cakula e Chocolate Iniguez

Vende-se em toda a parte

BOMBONS e NOUGAT da FABRICA INIGUEZ

Kilo 1,500 réis



Os bombons da Fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos

## CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia,

Paquete de 500 grammas 600 réis



## Contra a debilidade

Farinha Pectoral Ferruginea da Pharmacia Franço

Esta farinha é um precioso medicamento pela sua acção tónica reconstituente, do mais reconhecido provecto nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças no organismo, é ao mesmo tempo um excelente alimento reparador, de facil digestão, utilisimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças.

Está legalmente autorizado e privilegiado.

Pedro Franco & C.

DEPOSITO GERAL  
RUA DE BELEM, 147 - LISBOA

COLEÇÃO OLISIPONENSE.  
VIEIRA DA SILVA